

DA MAQUINARIA SONHANTE...

From dreamy machinery...

LUCIENE JUNG DE CAMPOS¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a01>

RESUMO²

No final da segunda semana de quarentena, sonhei que eu estava lavando louça, no escuro, com minha enteada. Eu lavava e ela secava. A cozinha estava totalmente escura e havia dois fachos de luz, apenas...

PALAVRAS-CHAVE

Covid; Sonho; Trabalho.

ABSTRACT

At the end of the second week of quarantine, I dreamed that I was washing dishes in the dark with my stepdaughter. I washed and she dried. The kitchen was completely dark and there were just two beams of light...

KEYWORDS

Covid; Dream; Job.

SONHANTE...

No final da segunda semana de quarentena, sonhei que eu estava lavando louça, no escuro, com minha enteada. Eu lavava e ela secava. A cozinha estava totalmente escura e havia dois fachos de luz, apenas: um em minhas mãos, manuseando pratos embaixo da torneira aberta, com

¹ **Luciene Jung de Campos** – Doutora. Professora e Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1151177602559882> E-mail: ljcampos@ucs.br

² **Processo Editorial Especial Covid-19** – Recebido: 22 JUN 20; Aceito: 22 JUN 20.

esponja e sabão e eu podia ver as veias das minhas mãos como se não fossem minhas; outro, no pano de prato branco que se agitava e rodopiava no escuro, às vezes parava e pendia como se fosse uma bandeira branca, nas mãos dela.

Era um sonho em preto e branco. A percepção se exacerba no escuro, onde tudo fica bem mais grave. A penumbra faz uma borda em volta daquilo que pode ser visto com absurda nitidez. Sonho e insônia se misturam. O lavar a louça, um gesto do cotidiano, do doméstico, do trabalho. Do trabalho – que para muitas de nós – é o trabalho possível no espaço público e, inalienável, no espaço privado. Não durma!

A cena repetitiva do sonho em que lavo, infundavelmente, contínuos pratos brancos, liga-se com ‘o novo normal’ atual do lavar e desinfetar desde o saco de batatinha palha até colocar frutas e legumes na máquina de lavar louça com sanitizantes. O “novo normal” seria realmente novo, no-vo, ou estaria mais para *no vô*, esse velho conhecido, tradicional e familiar trabalho que faz retorno em tempos de contágio. Nada tem de normal, obrigando a criar normas num ritual supersticioso.

Tinha conversa no sonho? Tinha. Era pouca. Estávamos sós uma com a outra. Com cordialidade, circulava vocábulos de indicação segura, tais como: frio ou quente; seco ou molhado; limpo ou sujo; cedo ou tarde; noite ou dia; rápido ou lento; doce ou salgado; importante ou desnecessário; indicado ou não indicado; reagente ou não reagente. Um suporte para a nossa parceria na tarefa e uma delicada conexão na quarentena.

Devaneio. Não tenho a preocupação em separar o sono da vigília, nem o sonho do real, da pouca realidade que nos circunda. Assim como, não se separa escrita e insônia. Nem a sonolência, que é ressaca da escrita extenuante. Desperto de um semissono sem conseguir classificar o mundo pictórico e onírico da linguagem. Só sei da diversidade assombrosa dos estados que nos animam.